

O que está acontecendo na 9ª Conferência Nacional de Saúde, que se realiza esta semana em Brasília, é uma amostra do que poderá acontecer no País até que se tenha uma definição da crise política criada pelas denúncias de Pedro Collor de Mello contra o sr. Paulo César Farias e as descobertas que fez a CPI.

O encontro, marcado para discutir os problemas e que problemas! da saúde no Brasil, para propor soluções para as deficiências do setor, foi transformado, pelos membros do PSN (Partido Sanitarista Nacional), facção informal da CUT, em um panflete eleitoral e num centro de manifestações a favor do **impeachment** do presidente Collor. Autoridades federais, como o ministro Adib Jatene, que os próprios participantes consideram sérias, competentes e bem-intencionadas, têm sido vaiadas — e quase impedidas de fazer suas palestras — pelo simples fato de pertencerem ao governo.

Ninguém nega o direito de qualquer cidadão de se manifestar publicamente sobre qualquer assunto, de defender um processo contra o presidente da República ou a sua permanência no poder, tudo dentro dos estritos limites da lei. Todavia, cada coisa tem o seu lugar e a sua hora. Para discutir as questões políticas há as reuniões dos partidos, o Congresso Nacional e, para o caso específico PC Farias-Collor, há as manifestações de rua patrocinadas pelo PT e pela CUT. O que os brasileiros esperam daqueles que se dispuseram a analisar a política nacional de saúde é que apontem soluções para a falta de saneamento básico, o péssimo serviço médico-hospitalar oficial... Deixar esses assuntos em segundo plano para atacar o governo é, também, um crime contra os interesses nacionais. Não é de hoje que os membros do partido sanitarista cuidam mais dos interesses políticos dos grupos a que ele está ligado do que das questões nacionais de saúde que, em tese, deveria ser a sua principal preo-

cupação. Esta 9ª Conferência, que tem o co-patrocinio do governo, como as anteriores, chegou a ser adiada três vezes nos últimos anos — uma no governo Sarney e duas no governo Collor — porque os ministros anteriores da Saúde preferiram evitar o que agora está ocorrendo, ou seja, que ela virasse um grande **happening** político-eleitoral. Só foi realizada agora porque o ministro Jatene reconheceu que a situação da saúde é tão dramática que valeria a pena correr qualquer risco para tentar um entendimento que redundasse, afinal, num atendimento médico-hospitalar público melhor do que o oferecido hoje aos brasileiros. O voto de confiança dado pelo médico Adib Jatene a seus colegas parece que não está sendo bem correspondido.

A mais desastrosa ação dos sanitaristas, em parte responsável pela forte deterioração dos serviços oficiais de saúde no Brasil nos últimos anos, ocorreu exatamente na 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986. Eles conseguiram, já na época contra a tendência generalizada nos países mais desenvolvidos, aprovar recomendações que privilegiavam a estatização da medicina no Brasil em detrimento dos bons serviços privados que temos. Foi a partir disso que o governo federal, sob a capa da descentralização, começou a montar o Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds), que não melhorou substancialmente os serviços oficiais e prejudicou os serviços privados. Sem contar que, no mesmo esquema que ceva os PCs, o Suds, como aconteceu, por exemplo, na administração Quéricia-Pinotti em São Paulo, facilitou a utilização política das verbas de saúde.

A intenção do ministro Jatene, ao convocar a 9ª Conferência, era discutir como corrigir as distorções do Suds, patrocinando um novo tipo de descentralização, mais técnica, menos política e menos estatizante. O que os sanitaristas, mais uma vez, podem impedir.